

Estudos da Língua(gem)

Estudos em Análise de Discurso

Enade 2014 – licenciatura letras/português: análise de questões com imagem

Enade 2014 – licence ès lettres/langue portugaise:
analyse de questions avec image

Silvânia Siebert*

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL - BRASIL

Maria Marta Furlanetto*

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA – UNISUL - BRASIL

RESUMO

Este trabalho visa a verificar se as questões com texto e/ou imagem, propostas no ENADE 2014 (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) – Licenciatura Letras/Português – são adequadas ao que é esperado dos estudantes, como conhecimento discursivo, e quais os princípios e objetivos de sua formulação. O estudo põe em função conceitos da Análise de Discurso explorando a relação verbal/não verbal, tratando a imagem como uma forma material do discurso. Conclui-se que o ensino deve contemplar as materialidades em cruzamento e seus sentidos, e que o exame nacional precisa considerar a abertura de sentidos, em vez de seu fechamento, como observado na análise.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Exame. Texto. Imagem.

RÉSUMÉ

Ce travail vise à vérifier si les questions comportant texte et/ou image, proposées pour l'Examen National de Rendement des Etudiants (ENADE 2014) – Licence ès Lettres/Langue Portugaise, sont adéquates

* Sobre as autoras ver páginas 137.

à ce qu'on attend des étudiants en tant que connaissance discursive, et quels en sont les principes et les objectifs. Cette étude sélectionne quelques concepts de l'Analyse de Discours pour explorer la relation verbal/non verbal, en prenant l'image comme une forme matérielle du discours. On conclut que l'enseignement doit privilégier le croisement des matérialités et les sens, et que l'organisation de l'examen doit prendre en compte l'ouverture des sens, au lieu de sa fermeture, tel qu'on a observé au cours de l'analyse.

MOTS-CLÉS: Discours. Examen. Texte. Image.

1 Introdução

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), preparado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do Ministério da Educação (MEC), caracteriza-se como uma prova prestada por estudantes que finalizam o ensino superior no Brasil, tendo como objetivo verificar o desempenho dos estudantes relativamente ao que é previsto nos respectivos currículos dos cursos de graduação; o exame permite também compor indicadores de qualidade para supervisão da educação. O exame se compõe de dois blocos: Formação Geral e Componente Específico. Interessa-nos, neste trabalho, avaliar o Componente Específico preparado para a Licenciatura de Letras/Português em 2014¹, e especialmente as questões que associam texto verbal e imagens.

Como objetivo, buscamos verificar: a) se questões que envolvem texto de imagem ou com imagens propostas na prova foram adequadamente formuladas considerando o nível de conhecimento discursivo esperado dos estudantes avaliados; b) que princípios e objetivos orientaram sua formulação.

O exame é formulado tendo como diretriz o que é previsto nos respectivos currículos dos cursos de graduação; isso considerado, os elaboradores especificam, para cada questão proposta, os parâmetros de resposta, ou seja, os limites do aceitável como resposta. A diferença entre as questões discursivas e as não discursivas é que aquelas permitem alguma abertura de expressão, enquanto estas exigem reflexão para selecionar a resposta considerada correta, sem alternativa.

2 Diretrizes teórico-metodológicas

¹ Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2014/30_letras_portugues_licenciatura.pdf>. Acesso em: 22 maio 2015.

Para efetivar a análise, extraímos, do Componente Específico: duas questões denominadas *discursivas*: questão 3 e questão 5; das outras questões não discursivas envolvendo leitura de imagens – 13, 15, 16, 17, 31 – selecionamos, em função da limitação de espaço, apenas a questão 13. As três questões recortadas, esperamos, darão uma ideia da orientação seguida quando se trata de textos híbridos.

Do ponto de vista teórico, faz-se necessário compreender a imagem como uma das formas materiais do discurso, como texto em sentido amplo; para sua análise na dimensão discursiva, levamos em consideração o conceito de Souza (1998, 2001) de *texto de imagem*. A autora desenvolve o conceito de texto-imagem a partir do trabalho de Orlandi sobre o silêncio, no sentido de que o silêncio, para significar, não precisa ser referido diretamente ao dizer. Para Orlandi (2007, p. 29-30), “com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à ‘interpretação’: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico”. Se o silêncio não fala, contudo significa, e o mesmo se aplica às imagens, segundo Souza (1998, p. 5)²: [...] há imagens que não estão visíveis, porém sugeridas, implícitas a partir de um jogo de imagens previamente oferecidas. Outras são apagadas, silenciadas, dando lugar a um caminho aberto à significação, à interpretação”. O simbólico impregna igualmente o emaranhado da memória – discursiva, imagética, coletiva, individual, que atua em cada situação e formação da vida coletiva e individual. É nessa pregnância em torno do que se materializa em dada situação que ficam balizadas as possibilidades de interpretação – tanto no não dito como no *não imajado*³. Esta é uma analogia utilizada para se entender que também há silêncio nas construções imagéticas.

Souza ainda problematiza a questão da significação do texto de imagem como texto que reiteraria os discursos materializados em textos verbais. Ela formula, então, a noção de *policromia*, em contraponto à de *polifonia* (remetendo ao verbal) para dar cobertura ao tratamento não verbal da imagem; a designação “[...] recobre o jogo de imagens e cores, no caso, elementos constitutivos da linguagem não-verbal, permitindo, assim, caminhar na análise do discurso do não-verbal.”⁴ (1998, p. 8). Os operadores discursivos são responsáveis pela ligação entre uma imagem e outras imagens, permitindo a

² Os textos de Souza consultados (1998 e 2001) não foram paginados no periódico, por isso a indicação feita corresponde diretamente às páginas dos próprios artigos.

³ Utilizamos “imajado” (de imagem/formatado como imagem) para evitar a identificação com “imaginado”, que pode direcionar para outro lugar e sentido.

⁴ Com “não-verbal”, neste caso, ela está fazendo referência específica à imagem, estática ou em movimento.

tessitura do texto de imagem. Esses operadores são formados por elementos que compõem a construção da imagem: enquadramento, ângulo de câmera, fotografia, cenário, figurino, maquiagem, entre outros.

Nas questões discursivas do componente específico do ENADE, correspondentes aos números 3 e 5, são apresentadas imagens como texto. Para proporcionar um contraste, selecionamos ainda uma questão com imagens que não pede resposta discursiva, mas apenas seletiva. Cabe considerar em que instância a leitura do texto de imagem é considerada: Como descrição da imagem? Ou como expressão de discurso, atribuindo-se-lhe sentido a partir do ponto de vista cultural, social e ideológico? O estudante é convocado como leitor de imagens? Estas questões são importantes na medida em que, a partir desta reflexão, será possível pensar tanto a respeito da elaboração de questões que sejam estimulantes para desenvolver os conhecimentos discursivos dos estudantes, como de proposta para a inclusão, nas aulas de língua, de textos de imagem em sua dimensão discursiva, trabalhando o funcionamento próprio de sua materialidade significante.

Na seção 2, a seguir, apresentamos a análise das duas questões discursivas do exame, e, na seção 3, a análise de uma das questões não discursivas, discutindo sua formulação, os elementos de discurso intervenientes, a tarefa proposta para cada questão e as respostas previstas como aceitáveis, especialmente considerando a hibridação aqui mostrada e estudada.

3 Questões discursivas

1) A questão 3 apresenta, oficialmente, três “textos” – ou melhor, dois recortes textuais com adaptação e uma imagem em reprodução desenhada de catedral gótica, sem identificação.

<p>Texto 2</p>	<p>Texto 1 O templo grego tem por destino ser uma obra humanamente bela e perfeita. O destino da catedral gótica é outro: exprimir um pensamento religioso e transmiti-lo aos crentes. [...] Diante desse esforço de exprimir, tudo o mais perde o seu valor: equilíbrio para quê, se o pensamento for, por si mesmo, grandiosamente ou audaciosamente desequilibrado? Para que a própria Beleza se nós quisermos exprimir a tortura, a</p>
----------------	---


	<p>angústia e a miséria que retorcem as almas e os corpos em atitudes que não podem ter a plenitude e a elegância das Vênus ou dos Apolos?</p> <p>SARAIVA, A.J. Poesia e drama. Lisboa: Gradiva, 1990, p. 148 (adaptado).</p> <p>.....</p> <p>Texto 3</p> <p>Depois que Josefes disse isto a Galaaz, voltou Galaaz a Persival e beijou-o, e depois disse a Boorz:</p> <p>- Saudai por mim muito a dom Lancelote, meu pai e meu senhor, tão logo o vejais.</p> <p>Então voltou para diante da mesa e ficou de joelhos e não demorou senão pouco. Quando caiu no chão, a alma se lhe saiu do corpo e levaram-na os anjos fazendo grande alegria e bendizendo a Nosso Senhor.</p> <p>HEITOR, M. A demanda do Santo Graal. São Paulo: Edusp, 1987, p. 468 (adaptado)</p>
<p>Catedral gótica. Disponível em: <https://www.flickr.com>. Acesso em: 25 jul. 2014.⁵</p>	

FIGURA 1. Imagem e recortes verbais

Tarefa: redigir texto dissertativo-argumentativo que aborde:

- a) antiguidade Clássica: o Belo como forma de expressão cultural
- b) antiguidade medieval: transcendência e ascensão mística
- c) relação de proximidade entre a catedral gótica e o fragmento da

Demanda do Santo Graal.

Como é perceptível, pelo menos em nível de obviedade, na questão chama-se *texto* tanto o material verbal (ainda que se trate de recortes adaptados) como a imagem da catedral, com a especificação *gótica*. Embora, em sua especificidade de imagem, ela permita várias leituras, aqui o verbal orienta o que se quer: o destino da catedral gótica é exprimir o pensamento religioso. E nisso ela remete ao trecho da *Demanda* (Idade Média), que se exprime pela religiosidade, o que responde, de algum modo, à questão (c), da “proximidade” que é assumida entre o “destino” daquela arquitetura e as reações manifestadas no texto 3. Contudo, o olhar mais atento à imagem, confrontado ao dizer sobre o Belo da arquitetura grega, associado supostamente à cultura – não mais à

⁵ As fontes das imagens são as indicadas na própria prova. O desenho da catedral, como veremos adiante, foi produzido no século XIX por Viollet-le-Duc.

religiosidade –, e também às imagens memoriais dos templos gregos, pode provocar algumas questões: a) o Belo dos templos gregos não remetia igualmente à religiosidade? b) A arquitetura gótica, com suas linhas arrojadas, era indiferente à Beleza? São possibilidades memoriais que ficam canceladas.

A direção do questionamento parece assumir apenas uma linha de raciocínio. É nesse sentido que Souza (2001, p. 7) questiona o “parafrazeamento da imagem”, que se resolve “num trabalho contínuo de interpretação e de direcionamento de sentidos” ou “domesticação da imagem”, que fecha as possibilidades de interpretação, como vemos no caso da imagem da catedral gótica na questão do ENADE. Não apenas neste exemplo, mas em outros casos, não se trata propriamente de tratar a imagem em sua própria materialidade, mas trazê-la para “sustentação de discursos outros” (SOUZA, 2001, p. 8), ou impor a interpretação a partir de outras formulações. De todo modo, não se pode negar que aí está se manifestando uma heterogeneidade imagética.

Quando analisamos a dimensão da imagem na figura da catedral, em um plano geral que apresenta pouco detalhamento – considerando que o estilo de arquitetura gótico é rico em detalhes –, a figura, por sua vez, remete o leitor a uma leitura da imagem em seu contorno, observada de cima para baixo, em ângulo *plongée*, apresentando de forma ampla o objeto; mostra-se em um plano, como elemento autossuficiente para a leitura. Segundo Souza e Pereira (2011, p.19), a imagem requer ser pensada a partir de deslocamentos: “aquele que denuncia o repasse do não verbal pelo verbal; aquele que fala, na sociedade atual, da homogeneização das imagens, neutralizando os complexos sistemas de transmissão; e aquele que reflete sobre os usos políticos da imagem”. Paralelamente ao pensamento de Souza e Pereira, entendemos que isso não significa, contudo, que uma materialidade supere ou se sobreponha à outra: elas se complementam, cada uma com seu próprio modo de significância.

Dando continuidade à leitura, logo abaixo do plano geral da catedral, a legenda, em forma de referência, localiza a imagem (desenhada) da catedral em um endereço de web. O território geográfico ocupado pelo objeto é constituinte das condições de produção do referido texto, em forma de imagem. Então, em qual território ou cidade foi construída a imagem que se apresenta como texto, em plano geral aberto? O endereço da internet nos oferece um banco de dados de imagens disponibilizados na web; no imaginário do leitor, é possível inferir que naquele endereço está disponível essa imagem, mas sua localização em condições sócio-históricas deve ser mobilizada pela memória, pelo interdiscurso, a partir de seu contorno, em um plano, e não de

seus detalhes. Este contorno apresenta a catedral de torres altas, localizada no branco do papel, flutuando no “vazio” da folha. Porém, conforme Orlandi (1996, p. 32), “não há relação direta entre mundo e linguagem, entre palavra e coisa. A relação não é direta, mas funciona como se fosse, por causa do imaginário”. O imaginário funciona exatamente para produzir essa ilusão de evidência.

Na questão analisada, chegamos a uma informação relevante. O desenho da catedral utilizado na prova corresponde a um modelo ideal do gótico criado por Eugène Viollet-le-Duc, arquiteto francês do século XIX, voltado à restauração de construções medievais. Pelo estudo de Vinegar (1998)⁶ sobre a imaginação arquitetural de Viollet-le-Duc, conseguimos traçar uma filiação histórica daquele desenho. Aliás, sua especial atenção ao papel da memória na investigação histórica coincide com o interesse contemporâneo. “A arquitetura gótica”, diz Vinegar (1998, p. 45, tradução nossa), “– que foi previamente tornada maligna ou romantizada como incoerente e mística – é analiticamente dissecada e imaginativamente mostrada por Viollet-le-Duc como tendo uma estrutura e ordem interna equivalente a qualquer organismo vivo.”. Como tal, ele apresentou a arquitetura gótica com uma estrutura científica e racional – o que foi demonstrado pelo processo de restauração. Tendo sido influenciado pelo anatomista Georges Cuvier, não é estranho que fale em anatomia (pela dissecação) e temperamento do edifício. Por isso, ele também deu grande importância à visualização dos elementos e suas relações, numa interpretação metafórica do tipo que Foucault chamou *olhar médico* (VINEGAR, 1998, p. 47). Isso leva também à ideia de uma arquitetura em que estão incorporados os princípios da natureza – união orgânica de elementos.

Em contraste com o desmembramento em elementos constituintes, Viollet-le-Duc também sintetizou traços de catedrais góticas, formulando tipologias ideais (VINEGAR, 1998, p. 50). É assim que surge um modelo representado pela catedral que vemos na questão de prova em exame, que resulta de um princípio adotado pelo arquiteto: restaurar um edifício não significa mantê-lo como era, nem meramente repará-lo ou reconstruí-lo; basta colocá-lo em um estado acabado. Eis nossa catedral idealizada, vista como em voo de pássaro (como um pássaro a veria), ou, usando uma expressão contemporânea, em *plongée* – que oferece a perspectiva desejada na composição da questão da prova. Como ideal, nada chega perto dessa imagem na própria

⁶ Devemos a Ricardo Ribeiro Elias, aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Unisul, a descoberta do texto de Aron Vinegar sobre Viollet-le-Duc, no qual se encontra o desenho da catedral gótica em estudo.

Idade Média. Quem pensaria, de imediato, nesse efeito de real? Perguntaríamos (e perguntamos, de fato): que catedral é essa? Onde fica? Isso é, de fato, a “memória como construção”, tal como Vinegar intitulou seu texto. Talvez por isso ela flutue diante de nossos olhos.

Neste exemplo, o texto de imagem, da catedral, com sua legenda, sinaliza a ruptura entre os territórios discursivos e entre o imaginário de quem prepara a prova e aquele que lê e realiza a prova. Aquele que prepara a prova tem disponível um tempo outro de preparo das questões, que é possível mobilizar como memória de arquivo, bibliotecas, e toda a web para ser navegada e pesquisada, além da relação com outros sujeitos e pesquisadores de interlocução, enquanto o leitor, o estudante de Letras, tem apenas sua memória discursiva à disposição, na solidão de seus pensamentos; não há tecnologia, mas há o outro discursivo, aquele sujeito virtual que projetamos como interlocutor. Lembrar e rememorar passa a ser um requisito determinante nessa avaliação. Esta forma de pensar nos faz lembrar o dito: “uma imagem vale por mil palavras”, e leva a pensar que esta noção pode nortear o sentido de que a figura da catedral permita inferir os conhecimentos em texto verbal, conforme apresentado no gabarito. Mas não há essa equivalência (ou correspondência), como Souza bem se dá conta e com quem estamos de acordo: “A palavra fala da imagem, a descreve e traduz, mas jamais revela a sua matéria visual. Por isso mesmo, uma ‘imagem não vale mil palavras, ou outro número qualquer’.” (SOUZA, 1998, p. 3). Entendemos que o que a linguagem verbal pode fazer e faz, nesse caso, é produzir uma metalinguagem para especificar categorias capazes de orientar a perspectiva possível para a análise de outras semioses – mas não descrevê-las ou interpretá-las diretamente em termos ordinários. Aliás, toda pretensão à cientificidade constrói seus próprios instrumentos de observação e análise.

Para a análise entre verbal e não verbal, Souza e Pereira (2011) propõem trabalhar a visibilidade, base da textura do não verbal – no caso, a imagem – em seu traço. É necessária a inserção de outros planos, especialmente os detalhes para o leitor de imagem, sendo necessário também que essa sequência seja contextualizada em um território, constituindo uma cadeia de sentidos que, interligados, formam a cena discursiva. E essa relação com a memória e o imaginário se realiza de forma mais rica em sentidos possíveis. Por isso, mais que a “visibilidade” óbvia, trata-se de considerar que, discursivamente, como destaca Souza (2001, p. 9), “uma imagem não produz o visível; torna-se visível através do trabalho de interpretação e ao efeito de sentido que se institui entre a imagem e o olhar.”

Vejam, então, a forma de resposta que orienta a avaliação. Espera-se que o texto redigido pelo estudante:

a) ressalte que a arte grega, exaltando e fixando a beleza, a perfeição, a forma, estaria voltada para aspectos terrenos (antropocentrismo);

b) demonstre que o mundo medieval volta-se para a transcendência (teocentrismo), valorizando a ascensão mística, secundarizando valores terrenos.

c) que a arquitetura gótica da Idade Média, pela verticalidade, responderia à transcendência, o que estaria manifestado na ascensão mística da alma no trecho da *Demanda*.

Dada essa formulação, o eventual surgimento dos questionamentos possíveis feitos acima, no material redigido, seria não condizente/não aceito.

Passemos para a questão 5 da prova, na qual uma charge é produzida a partir de “enunciados” proferidos em uma cena enunciativa que traça a relação familiar de uma ninhada de pássaros e um recorte de texto escrito que trata de tecnologia.

2) Questão 5

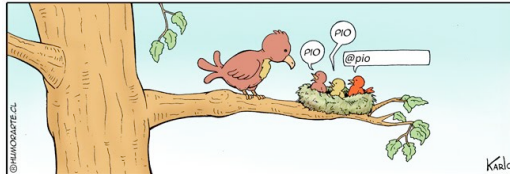
<p>Texto 1</p>  <p>Disponível em: http://2.bp.blogspot.com>. Acesso em: 26 jul. 2014⁷</p>	<p>Texto 2</p> <p>As tecnologias informáticas, consideradas novos sistemas para tratar e representar a informação, ancoradas nos sistemas convencionais, vão modificar o modo como as crianças estão habituadas a aprender e também amplificar o seu desenvolvimento cognitivo.</p> <p>(MIRANDA, G. Limites e possibilidades das TIC na Educação. <i>Sísifo, Revista de Ciências da Educação</i>, n. 3, 2007, p. 41-50)</p>
---	---

FIGURA 2. Cartum e texto

Tarefa: redigir, com base nos dois textos, texto dissertativo-argumentativo que aborde:

⁷ Esta tira é de autoria de Carlos Fernandez, artista chileno, cujo trabalho, em boa parte, se encontra exposto no blogue <karlohumor.blogspot.com.br>, e disponível sob uma licença Creative-Commons 3,0 não adaptada.

- a) necessidade da contínua formação profissional do professor de língua relativamente à tecnologia
- b) efeitos dessa formação profissional na prática escolar.

Apesar de apresentado como *texto*, o cartum aparece aqui mais especificamente como uma ilustração “divertida”, um reforço imagético. Na prova falta nitidez nos balões. Eles trazem, na ordem: PIO, PIO, @pio (este, configurado em retângulo, sugerindo uma nova linguagem). Isso leva, secundariamente, a associar “tecnologia informática” com @ e os três passarinhos com “crianças”, ao modo de uma metáfora trivial. No caso, eles piam em espanhol.

O texto 2 traz as afirmações tomadas como fundamentais para a construção das duas respostas, conjugadas num texto “dissertativo-argumentativo” (note-se que não se opta por um gênero, mas por um *tipo* textual). Ora, argumentar *a favor* das afirmações é a direção esperada, embora se devesse permitir uma contra-argumentação: o texto 2 afirma que as tecnologias informáticas vão modificar o modo como as crianças estão habituadas a aprender e amplificar seu desenvolvimento cognitivo. Aqui o tratamento diz respeito a *Criança* (de um tempo, de outro tempo), não *crianças*, visto que as crianças, *hoje*, já nascem em um mundo com tecnologia informática, mas isso não implica, fatalmente, desenvolvimento cognitivo mais amplo que o de crianças que começaram sua vida escolar antes do incremento dessas tecnologias. A afirmação tem uma ressonância utópica, como se funcionasse tal qual um princípio lógico.

Contudo, atentando-se para o título do artigo, que traz também a palavra ‘limites’, entende-se que não se trata meramente de fazer uma defesa do uso de tecnologias. De fato, o artigo traz um questionamento, mas a lógica da construção do exame, nessa questão discursiva, é de canalização das respostas, e não de abertura. A tarefa não é discutir a relação entre a imagem e o recorte, abrindo para a interpretação, mas direcionar a resposta, como se uma e outra apenas se compensassem, constituindo uma repetição em semioses diferentes. De fato, no recorte do artigo (com alguma adaptação na prova), Miranda admite que os sistemas informáticos vão amplificar o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas isso não se daria nem automática nem gratuitamente, porque há necessidade de novas habilidades de uso; ademais, as mudanças não têm visibilidade de imediato: “todos os processos de mudança mental são lentos, levam gerações” (MIRANDA, 2007, p. 45). Nessa direção, as

variáveis a considerar não podem ser reduzidas a uma consideração simplista e à direção tentada nesta questão do ENADE.

Por implicação, e fazendo-se referência à análise da imagem anterior, o traçado do cartum não traz nenhuma obviedade para a leitura, senão a estranheza imediata de composição que produz humor pelo contraste, mas permanece na incompletude que pede interpretação, esse processo que torna a “visibilidade” algo invisível, como vimos com Souza (2001).

Vejam qual a forma esperada de resposta:

O texto dissertativo solicitado deveria mostrar:

a) O uso das tecnologias contextualizado e relacionado à formação do professor.

b) dois efeitos, pelo menos, da formação continuada do professor em conhecimento tecnológico, relativamente ao trabalho. Por ex.: uso de recursos metodológicos novos, concepção de ensino de língua, socialização de práticas...

Uma contrapalavra, nessas condições, não seria bem recebida. Ou qualquer outra possibilidade de exploração do cartum exposto como texto – ou seja, presumindo-se que funcionaria discursivamente, em contexto sócio-histórico, e não meramente como ilustração.

4 Questão não discursiva

A questão **13**, de múltipla escolha, não especifica a imagem como texto. É uma charge, formulada como híbrida, com balões que destacam uma conversa entre anjinhos que observam três “penas”, agora em tríade, sentados à mesma “mesa”:



FIGURA 3. Charge com balões⁸

Busca-se especificamente fornecer contextos linguísticos para a resposta à questão que pede para detectar a palavra ‘pena’, em cinco enunciados de diferentes autores, que corresponda ao uso observado na primeira fala. Qualquer outra ilação ou associação eventualmente feita pelos estudantes fica não dita. Três possibilidades ficam figuradas na charge, considerando que as penas com que escrevem os três autores falecidos (em associação com os tinteiros) dão o toque anacrônico por seu formato, mas ao mesmo tempo favorecem a metonímia (pena do escritor/grandes penas) – o que mostra a historicidade do processo. Além disso, penas remetem, simbolicamente, a outros elementos: sorte, proteção, poder, pensamento, fantasia. Nesta questão o texto de imagem aparece como cena: dois planos dão forma ao quadro e criam a encenação. São algumas possibilidades que a cena, independentemente da troca verbal realizada, poderia suscitar, em retorno ou para diante (futuridade). Contudo, o que fica desse conjunto é apenas uma ilustração de onde se pinça um elemento para reconhecimento dele em outros ambientes. Em si, dada a proposta de prova, é válida a solicitação feita; contudo, é uma “pena” que não se tenha aproveitado a imagem, em sua discursividade, para uma reflexão sobre a escritura.

Em uma relação contrastiva entre as questões discursivas 3 e 5, a questão 13 apresenta uma charge rica em detalhes: em um dos quadros, três personagens conhecidos da literatura brasileira, e por conseguinte da memória dos estudantes de Letras – João Ubaldo, Ariano Suassuna e Rubem Alves –,

⁸ Disponível em: <<http://www.chargeonline.com.br>>. Acesso em: 26 jul. 2014. Localização da prova com a imagem no site do INEP: <download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2014/30_letras_portugues_licenciatura.pdf>

estão juntos escrevendo sobre uma mesma mesa, usando cada um uma pena. Os autores são apresentados por outros dois personagens, os anjos, que dialogam sobre a cena envolvendo os escritores. Os dois planos são bem mais ricos em detalhes que os apresentados nas questões discursivas. Nesta questão temos mais diálogos, mais personagens e os dois planos são mais contextualizados; estão nas nuvens, no céu, situação que remete à exemplaridade do trabalho realizado em vida – neste caso, associado à escrita literária, uma bela arte, que se reflete nos sorrisos de bem-aventurança. Em mais um movimento comparativo, esta questão em forma de cena e as outras duas em forma de plano, além de trazer personalidades contemporâneas da literatura brasileira, permite ao estudante de Letras mobilizar sua memória discursiva sobre os três escritores que faziam parte da ABL e criaram textos que, muito provavelmente, o estudante leu durante sua vida escolar e/ou em forma de entretenimento, em minisséries ou programas de televisão. Quando comparada ao plano da catedral gótica e ao cartum dos pássaros, este mesmo estudante tem a memória superestimada por quem o avalia; bastaria um plano para deflagar as memórias com elementos suficientes para formular uma resposta. Identificamos, nessa análise contrastiva, que a visibilidade da imagem se coloca como sentido determinante, e este movimento interpretativo falseia a discursividade do texto de imagem.

Nesta questão, observando-se a posição dos formuladores da prova – que devem elaborar quatro possibilidades de resposta, das quais apenas uma seria correta –, dir-se-ia ser bem mais confortável a posição ocupada pelo estudante sendo avaliado. A análise nos fez pensar na necessidade de tomar a imagem como texto, que se mostra à leitura tão opaca quanto a letra – e aqui também, de modo especial, tão associada ao que surge como o invisível à imediatez dos traços. Três escritores, três penas.

5 Considerações finais

Ao analisarmos as três questões, duas discursivas e uma de múltipla escolha, compreendemos que os três deslocamentos propostos por Souza e Pereira (2011, p. 19) para a leitura da imagem, relativamente ao verbal, não foram realizados, uma vez que há: a) o repasse do verbal para o não verbal; b) a homogeneização das imagens, neutralizando os complexos sistemas de transmissão; e c) a falta de reflexão do uso político da imagem, que reitera os mitos de informação e visibilidade. Assim, cancela-se seu *status* de texto, a

materialidade simbólica e a historicidade. Apesar de as duas primeiras imagens terem sido sinalizadas como textos, elas foram tomadas como textos que reiteram o verbal, silenciando os sentidos da imagem. No terceiro caso, ela é designada como charge. O texto de imagem foi pensado a partir de uma sociedade homogênea, onde a tecnologia, entre outros sentidos, faz da(s) criança(s) ser(es) com o desenvolvimento cognitivo mais elevado, conforme propõe a questão 5. Pensar o texto de imagem e seu uso político nos permite interpretar que a prova do ENADE parte do pressuposto de que o estudante de Letras é um sujeito que lê o texto de imagem em sua visibilidade e não em sua abertura de sentidos, pelo menos no material analisado. Ao contrário, assumimos, com Souza (2001, p. 9), que é a interpretação que torna visível a imagem, como resposta à relação de sentido imagem/olhar. Desta forma o sujeito autônomo e crítico reivindicado em planos de ensino e currículos é uma idealização do leitor virtual da prova.

Teoricamente falando, não há incômodo em não designar as imagens como textos; podemos tratar essas materialidades como *imagens* ao lado de textos verbais e de outras formas de semiose – o que ainda é mais comum. A questão não é exatamente esta, porque nesse nível não estamos tratando diretamente de *funcionamento discursivo*. É nesse outro plano, portanto, que importa considerar como as semioses produzem efeitos, e como, em combinação, produzem esses efeitos: no cinema, na literatura, na dança, na música, no teatro, em todas as produções humanas de linguagem que revertem em sentidos, cada uma em sua especificidade.

Por isso, considerando a formação humana aqui apreciada, em nível de graduação, conforme o que se estabelece para o ENADE – que busca verificar o desempenho relativamente ao que os currículos de graduação preveem –, entendemos, de um lado, as restrições impostas à formulação de um exame para um número imenso de estudantes; de outro lado, concluímos que essas mesmas restrições falseiam o que, pelo menos teoricamente, seriam os objetivos mais amplos dos currículos em termos de formação: abertura mental, criatividade, criticidade. E, como observamos em cada questão analisada, as restrições de formulação levam a orientar drasticamente as respostas, em vez de permitir abertura. O texto de imagem, na perspectiva discursiva, reivindica sentidos e deve ser tomado como materialidade significante com seu próprio funcionamento.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC/INEP. Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. **Enade 2014**. Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. Letras Português Licenciatura. 2014.
- MIRANDA, G. L. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Sisifo** – Revista de Ciências da Educação, Lisboa, n. 3, p. 41-50, maio/ago. 2007.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **As formas do silêncio** – no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SOUZA, T. C. C. de. Discurso e imagem. Perspectivas de análise não verbal. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 1, 1998.
- _____. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Ciberlegenda**, Niterói, n. 6, s/p, 2001.
- _____; PEREIRA, R. da C. **Discurso e ensino** – Reflexões sobre o verbal e o não verbal. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2011.
- VINEGAR, Aron S. Memory as construction in Viollet-le-Duc's architectural imagination. **Paroles Gelées**, v. 16, n. 2, p. 43-55, 1998. Disponível em: <<http://eprints.cdlib.org/uc/item/7dn778pk>> Acesso em: 16 abr. 2016.

*Recebido em novembro de 2016.
Aprovado em dezembro de 2016.*

SOBRE AS AUTORAS

Silvânia Siebert é Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP; professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina; membro do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso, Pesquisa e Ensino (GADIPE); pesquisadora em discurso, comunicação, jornalismo e publicidade, linguagem e mídia. E-mail: silvania@cinemaistv.com.br

Maria Marta Furlanetto é Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade de Paris VIII; professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina; membro e líder do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso, Pesquisa e Ensino (GADIPE); pesquisadora em discurso, ensino de língua portuguesa, autoria, linguagem verbal e imagem. E-mail: mmarta@intercorp.com.br